

Núcleo de Imprensa de Lousada propósito e concretização de um projeto museológico (II)



Com este novo texto, damos continuidade à série de artigos relacionados com um novo espaço museológico existente no concelho: o Núcleo de Imprensa de Lousada, instalado na biblioteca municipal. Pretende-se dar a conhecer um pouco da história da imprensa local e regional, analisando as motivações e as linhas editoriais das várias publicações periódicas que se instituíram na região. Simultaneamente, procura-se identificar e reconstituir as biografias das personalidades que se destacaram no âmbito da imprensa, das artes gráficas e da indústria tipográfica. Ainda neste mesmo espaço, haverá lugar para a divulgação da coleção museológica que o Núcleo de Imprensa de Lousada acolhe e conserva, como é o caso da máquina de composição mecânica Linotype (na imagem), que revolucionou a comunicação escrita.

Texto e fotografia

Cristiano Cardoso, Historiador
cristiano.cardoso@cm-lousada.pt
Sara Vieira, Historiadora da Arte
historia.arte@cm-lousada.pt



Figura 1 Cabeçalho do N.º 1 do jornal “O Louzadense”, publicado a 9 de julho de 1885. Fonte: Biblioteca Nacional

1. O nascimento da imprensa em Lousada

A imprensa periódica teve aparecimento tardio em Lousada. Somente no ano de 1885 se concretiza a primeira iniciativa protagonizada pelo semanário “O Louzadense”, com administração de Justino José Rodrigues Loureiro, notário judicial. Foi uma publicação efêmera, surgida sob a influência da tipografia do jornal “Comércio de Penafiel”, também designada por Tipografia União, à época instalada na Rua Nova daquela cidade. Esta ligação assumia um aspeto prático, devido à inexistência de tipografias em Lousada, mas também se manifestava através da afiliação política, favorável ao Partido Regenerador, liderado, então, por Fontes Pereira de Melo. Por isso, quando “O Louzadense” surge, a situação política era propícia, pois, quer o governo nacional, quer a câmara municipal local estavam nas mãos dos regeneradores.

Intitulando-se como um “Semnário Politico, Litterario e Noticioso”, identificava-se, igualmente no seu cabeçalho, como um “órgão dos interesses dos concelhos de Louzada, Felgueiras e Paços de Ferreira”, exprimindo, possivelmente, a divisão judicial comarcã que Lousada encabeçava. No editorial do primeiro número apelava-se à congregação de esforços destes três concelhos no sentido de adquirir “aquelle grau de perfectibilidade moral e material que é a constante aspiração dos povos”. A data encontrada para o lançamento deste jornal, 9 de julho, foi intencional, revestindo-se de um forte caráter simbólico para a vitória do Liberalismo



Figura 2 Jornal “Vida Nova” Fonte: Arquivo Municipal de Lousada

em Portugal. Num artigo, não assinado, intitulado “Liberdade e Liberdade”, que preenche a primeira página, faz-se alusão ao Desembarque do Mindelo (8 de julho de 1832) e à entrada das tropas de D. Pedro na cidade do Porto, no dia seguinte.

Apesar de ser natural de Paredes de Coura, Justino José Rodrigues Loureiro veio exercer o ofício de escrivão e tabelião do Juízo de Direito da comarca de Lousada nos inícios da década de 80 do século XIX, tendo permanecido neste cargo até à sua transferência para a comarca de Rio Maior, em 1891.

Deste jornal, pioneiro da imprensa periódica em Lousada, resta apenas o primeiro número conservado na Biblioteca Nacional, desconhecendo-se se a sua edição teve continuidade e quais as razões do

seu desaparecimento.

Em 1888 foi lançado outro jornal de existência breve, intitulado “O Correio de Louzada: semanário político, agrícola, litterario e noticioso”, conhecendo-se apenas o seu primeiro número, conservado igualmente no acervo da Biblioteca Nacional. Este periódico, em termos de composição tipográfica muito semelhante ao “Louzadense”, também estava relacionado com a ativa imprensa sediada em Penafiel, sendo, ao que tudo indica, impresso na oficina do “Penafidelense”.

Estes dois projetos editoriais, surgidos ainda no século XIX, constituem casos isolados e sem continuidade. A dependência das oficinas tipográficas de Penafiel e a possível falta de assinantes poderão ter ditado o seu presumível insucesso. Esta rápida abordagem aos primórdios da imprensa de Lousada e à inexistência de projetos editoriais originários da Vila permite refletir sobre o dinamismo sociopolítico da terra e sobre a ilustração das populações e das elites. Não deixa de ser sintomático que o primeiro jornal a afirmar-se no concelho fosse o “Vida Nova”, sediado na Senhora Aparecida, na freguesia do Torno, povoação que evidenciava, à época, um dinamismo socioeconómico comparável (senão superior) ao da sede do concelho.

Surgido no ano de 1903, o sucesso do “Vida Nova” poderá estar relacionado com a prosperidade económica da freguesia e com o dinamismo dos seus comerciantes, para além do facto de possuir tipografia própria, inicialmente instalada na casa de António Lemos. Manteve-se ativo até 1912, altura em que o seu proprietário, Abílio de Magalhães, alegadamente por motivos políticos, emigrou para o Brasil. Numa segunda fase, voltou à atividade entre 1926 e 1934, constituindo-se como um dos jornais com atividade mais prolongada do concelho.

Ainda no contexto político da monarquia constitucional começa a publicar-se em Lousada o periódico mais emblemático do concelho. Fundado por José Teixeira da Mota em 1907, o “Jornal de Louzada” esteve em atividade até 1994. Terá sido fundamental para a sua longevidade e continuidade a criação de uma oficina tipográfica própria, onde, para além da impressão do jornal, se executavam outros serviços. Por outro lado, o “Jornal de Louzada”, tendo atravessado diferentes regimes políticos e conjunturas de grande conturbação social, manteve-se sempre alinhado com o poder vigente, circunstância que, naturalmente, promoveu a sua duração. Não pretendendo, nesta ocasião, apresentar um elenco exaustivo dos periódicos lousadenses, é incontornável a referência ao “Heraldo”, publicado entre 1930 e 1942, com tipografia própria destinada à impressão do jor-



Figura 3 “Jornal de Louzada” Fonte: Arquivo Municipal de Lousada



Figura 4 Jornal "Heraldo" Fonte: Arquivo Municipal de Lousada

nal e a outros trabalhos tipográficos. Inicialmente a funcionar num prédio onde vivia um dos seus fundadores e administrador, Manuel Pinto de Sousa, na atual Praça D. António Meireles, a partir de julho de 1938, passou para novas instalações na esquina da rua de Santo António com a rua dos Bombeiros. O jornal "Heraldo" ficou conhecido por não cumprir os cortes da censura. O editor do jornal enviava uma prova para a comissão de análise prévia, que visava os textos e cortava o que não fosse autorizado publicar. Praticamente em simultâneo, o jornal na sua versão não censurada era distribuído publicamente, sendo impressos somente alguns exemplares visados para remeter aos censores. Nestas ações de luta pela liberdade de imprensa, o tipógrafo do jornal, Júlio Sousa Magalhães, filho do fundador, tinha uma função decisiva. Estes atos levaram a que fosse preso para averiguações, juntamente com seu

pai, no dia 12 de março de 1938, sendo ambos conduzidos para as instalações da polícia política, na Rua do Heroísmo, no Porto. Enquanto Manuel Pinto de Sousa foi solto passadas duas semanas, Júlio Sousa Magalhães foi julgado e condenado a 15 meses de prisão.

O "Heraldo" foi um jornal polémico, que se afirmava independente, tendo suscitado, inclusivamente, ataques violentos, como aquele que foi relatado no número 148, de 7 de abril de 1934, que dá conta de uma agressão física ao seu administrador por parte do zelador da Câmara, Sebastião Pereira Fernandes.

O desenvolvimento da imprensa em Lousada, especialmente ao longo do século XX, legou ao concelho um património tipográfico assinalável, que não se limita, unicamente, a equipamentos e coleções de periódicos, manifestando-se através de memórias de lugares e de pessoas. O estudo do tema propicia a configuração de um itinerário, que se vai descobrindo, de espaços, de acontecimentos, de personalidades e de profissionais da área. Estas memórias articuladas com a coleção museológica que integra o Núcleo de Imprensa permitem configurar e promover a história da imprensa local e regional, concretizando-se como o principal objetivo deste novo equipamento cultural.



Figura 5 Júlio Magalhães na data da sua detenção pela PVDE, em 1938. Fonte: Arquivo Nacional/Torre do Tombo.

